

Beau Geste / 1939

Beau Geste

um filme de WILLIAM A. WELLMAN

Realização: William A. Wellman *Argumento:* Robert Carson *segundo a novela homónima de Percival Christopher Wren* *Fotografia:* Theodor Sparkuhl, Archie Stout *Música:* Alfred Newman *Montagem:* Thomas Scott *Realizador de 2ª equipa:* Richard Talmadge *Assistente de realização:* Joe Youngerman *Intérpretes:* Gary Cooper (Michael “Beau” Geste), Ray Milland (John Geste), Robert Preston (Digby Geste), Brian Donlevy (Markoff), Susan Hayward (Isobel), J. Carroll Naish (Rasinoff), James Stephenson (Major Henri de Beaujolais), Heather Thatcher (Lady Patricia Brndon), George P. Huntley Jr. (Augustus Brandon), Albert Dekker (Schwartz), Broderick Crawford (Hank), Charles Barton (Buddy), James Burke (Dufour), Arthur Aylesworth (Renault), Harry Woods (Renoir), Harold Huber (Voisin), Stanley Andrews (Maris), Donald O’Connor (Beau aos 12 anos), Billy Cook (John aos 10), Martin Spellman (Digby aos 12), David Holt (Augustus aos 12), Ann Gillis (Isobel aos 10).

Produção: William Wellman para a Paramount *Cópia:* DCP, preto-e-branco, versão original legendada em castelhano e electronicamente em português *Duração:* 113 minutos *Estreia Mundial:* 18 de Julho de 1939 *Estreia comercial em Portugal:* Dezembro de 1941, Odeon e Palácio, Lisboa *Reposição:* Década de 50 *Primeira apresentação na Cinemateca:* 1988 (“Grandes Filmes de Aventuras”).

Beau Geste de William A. Wellman marca o fim de um ciclo de filmes sobre a Legião Estrangeira, dado que os que surgem nas décadas seguintes mais não são do que incursões temporárias e extemporâneas. É nesta década, em que se cantam os feitos e o espírito da aventura colonial, que um corpo especialmente destinado a policiar países e regiões administradas pelas potências europeias encontra um eco mais profundo entre o público. Tanto mais que esse corpo se nimba numa aura romântica como a Legião Estrangeira, criada pelo exército francês em 1831 para intervenção nas colónias, aberta a homens de todas as nacionalidades a quem não fazia perguntas sobre o passado. Aquele corpo podia, pois, albergar fosse quem fosse desde que cumprisse a disciplina a que estaria sujeito em regiões extremamente perigosas.

O filme de Wellman, se é o fim do ciclo de filmes sobre este corpo militar, é também o culminar em espiral que teve como ponto de partida a primeira versão cinematográfica desta popular aventura. Foi em 1926 que a Paramount adaptou pela primeira vez o livro de Percival Christopher Wren, num filme realizado por Herbert Brennon, um dos pioneiros do cinema americano cuja obra é hoje praticamente desconhecida, e que constituiu um dos maiores êxitos comerciais do mudo dando início a uma incontável prole que encheu de areia as telas de cinema e que, para o melhor (**Morocco**, **Under Two Flags**, etc.) e para o pior, dominou a década de 1930, e que teve como sucedâneo os filmes de aventuras exóticas dos anos 40, de **Arabian Nights** de John Rawlins a **The Desert Hawk**, de Frederick de Cordova. O êxito da versão de Brennon provocou uma imediata continuação, **Beau Sabreur**, realizada por John Waters (não! Não é o de **Hairspray!**) em 1928 e interpretada por Gary Cooper na figura do Major Henri de Beaujolais, que no filme de hoje veremos interpretado por James Stephenson. A acção localizava-se antes da odisseia dos Gestes e adaptava um outro romance de Percival C. Wren escrito na sequência do êxito comercial do anterior. Vale a pena referir ainda que aquele escritor, ex-militar e oficial da Legião Estrangeira, já conhecido por uma série de contos sobre as suas experiências naquele corpo, que são a base do seu *Beau Geste* escrito em 1924 e que se tornou um *best-seller* com edições sucessivas, escreveu ainda um terceiro volume, *Beau Ideal*, que é efectivamente, uma continuação do primeiro, e onde reencontramos John Geste de regresso a Marrocos para procurar os companheiros de fuga, Hank e Buddy, que no filme deixamos no deserto, mas no livro são presos pelos árabes. Na primeira versão a que temos vindo a referir-nos, os três irmãos eram interpretados por Ronald Colman (Beau), Neil Hamilton (Digby) e Ralph Forbes (John) enquanto o papel de sargento Lejeune estava a cargo de Noah Beery.

Dada a inflação de aventuras no deserto e com a Legião Estrangeira, não deixou de causar surpresa a iniciativa da Paramount em refazer o seu velho êxito. Mas, à partida, o projecto estava previsto para ser feito a cores, que a Paramount começara a usar recentemente e William A. Wellman tinha já a experiência necessária para levar avante sem problemas (em 1937 realizara a primeira versão de **A Star Is Born** em Technicolor, e a cores foram também os seus dois filmes seguintes [anteriores a **Beau Geste**]: **Nothing Sacred** e **Men with Wings**). Por esse lado tudo parecia bem entregue. Contudo, quanto mais o processo avançava mais se avolumavam os receios. Pelo que o responsável da Paramount pela produção, Edward Le Baron, acabou por sugerir a Wellman que seguisse, o mais fielmente possível, a

versão original e a preto-e-branco. O êxito que representara, e o facto de se encontrar fresco na memória como o modelo inimitável, era garantia mais segura do que o risco de transformar pela cor a imagem já idealizada da história pelos espectadores (apesar da fotogenia do deserto a cores, admirável, como se vira em **The Garden of Allah**, e como se veria na década seguinte em inúmeros filmes). A figura de Fred MacMurray, o primeiro actor convocado para a nova versão, não se conformando ao modelo original, seria substituída pela do Gary Cooper. Também os restantes actores, Preston e Milland, são quase sócias dos originais Hamilton e Forbes. As semelhanças prolongam-se pelas outras personagens, em especial o sádico sargento Lejaune, onde Noah Beery dá lugar a Brian Donlevy com o nome transformado em Markoff, sendo de origem russa, mudança estratégica que tinha em conta o público francês. Donlevy, que durante a rotação fez jus ao seu temperamento irlandês de zaragateiro, provocando conflitos com toda a equipa, numa quase materialização do seu personagem, teria como Markoff uma das grandes criações da sua carreira (a que se poderiam juntar as de **The Great McGinty** de Preston Sturges e **Hangmen Also Die** de Lang), sendo nomeado para o Óscar no ano em que **Gone with the Wind** açambarcou os prémios (mas o de actor secundário, a que concorria Donlevy, foi para Thomas Mitchell em **Stagecoach**, outra das vítimas do “*blockbuster*”).

Também os directores artísticos, Hans Dreier e Robert Odell, seriam nomeados para o Óscar da sua categoria. A fidelidade de **Beau Geste** de Wellman ao original de Brennon, não lhe foi durante muito tempo favorável nas comparações. Sofreu, como ainda hoje outros sofrem, no cotejo com a versão original. Na impossibilidade de, agora, se ter acesso às duas cópias e formar uma opinião própria, deve acrescentar-se que a versão de Wellman tem vindo, a pouco a pouco, a cobrir-se duma carga mítica que sobreleva a anterior. Isto terá que ver com a própria figura dos intérpretes, em especial Gary Cooper, que se tornou o arquétipo do aventureiro idealista e do espírito de sacrifício e heroísmo (foi intérprete de **Lives of a Bengal Lancer**, outra das suas criações arquetípicas, e nessa década foi ainda **Mr. Deeds** por um lado, Wild Bill Hickock, Marco Polo, **The Westerner** e o herói de **The Real Glory** de Hathaway, por outro). Fiquemo-nos, pois, pela versão de Wellman que nos surge como a quintessência do género. Em nenhum outro filme de aventuras o herói surgiu idealizado desta forma: **Beau Geste** é uma verdadeira súpula das qualidades e virtudes atribuídas aos antigos cavaleiros, e nenhum outro actor poderia então representar de forma tão pura esse herói se não o futuro **Sergeant York**.

Beau Geste tem um dos mais fulgurantes inícios do cinema de aventuras: a chegada da coluna de socorro ao forte de Zinderneuf. A história é suficientemente conhecida (para além das edições do livro, e das versões cinematográficas, foi alvo, entre nós, duma adaptação para a banda desenhada, publicada no velho “Cavaleiro Andante”, e que é um dos melhores trabalhos de Fernando Bento) para nos debruçarmos sobre ela. Mas deve-se destacar desde logo a narrativa que é feita apenas de um ponto de vista nessa introdução, formando uma espécie de puzzle incompleto, cujas últimas peças só serão encaixadas no fim. O *flashback* que forma o corpo da narrativa e começa em Inglaterra quinze anos antes com os jovens Gestes brincando nos seus jogos de glória. O início do *flashback* é, desde logo, estimulante. Assistimos a uma batalha naval a que só o *travelling* para trás nos revela ser travada por maquetas. Parece, de momento, que estamos no cinema e que um filme de piratas revela os seus segredos de construção (e não é disso, indirectamente que se trata?). Aqui ficam logo determinados e expostos os comportamentos dos heróis, e as bases do acontecimento (a venda da safira) que vão condicionar o futuro. Beau (Donald O’Connor) é já o modelo de virtude que revela em adulto (Cooper). A pureza idealista de Beau afirma-se na cerimónia do funeral de viking e quinze anos depois no episódio/*gag* do rato, antes da desapareição da jóia. Mas estes momentos são quase marginais. O verdadeiro **Beau Geste** recomeça quando os três irmãos se encontram já em Marrocos, e um dos primeiros planos introduz-nos de costas, num belíssimo *travelling*, a figura de Markoff apresentando-se aos homens: “*I may kill half of you in training, but the half that lives will be soldiers. I promise you!*” O seu comportamento sádico é, de imediato, exposto quando castiga os dois desertores abandonando-os no deserto. Tudo o resto se passa dentro do forte com o confronto crescendo a pouco e pouco e terminando em motim após a morte do comandante, cuja punição só não é levada a cabo devido ao ataque dos árabes. Vale a pena referir o combate e o cerco porque, ao contrário de muitos dos outros filmes que lhe são contemporâneos (o **Gunga Din**, por exemplo), não estamos perante um inimigo determinado, apresentado de forma maniqueísta. O campo de combate é apenas mítico. No fundo é uma história de amizade de três irmãos, sendo o resto a matéria necessária para ela se manifestar. Dos árabes pouco mais vemos do que os vultos que cruzam o deserto e cavalgam em volta do forte duma forma devastadora, como em **The Last Patrol** de John Ford (1934).

Epopéia posta em cinema de forma admirável, **Beau Geste** é a coroa de glória do filme de aventuras nos anos 1930.